

## **LITERATURA E RESISTÊNCIA NA PALESTINA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Paula da Costa Caffaro<sup>1</sup>

### **Introdução**

Este estudo tem por objetivo investigar a trajetória do movimento literário moderno que despontara na Palestina no final do Império Otomano. O ano fixado para o início da investigação é 1882, quando se empreendeu a primeira onda migratória sionista, conhecida por ‘Primeira Aliya<sup>2</sup>’, para o país. A data limítrofe é 1939, ano em que se encerrou a Revolta de 1936, quando também se iniciou a Segunda Guerra Mundial.

A motivação central para esse estudo é conhecermos como foi documentada literariamente a chegada dos primeiros imigrantes judeus à Palestina e quais foram as consequências imediatas sofridas pela população nativa. Para isso, procuramos selecionar os principais autores que produziram nesse período, suas obras mais expressivas e os meios pelos quais seus escritos foram veiculados.

### **Contextualizando a produção literária**

A Literatura Palestina assumiu seu caráter nacional apenas a partir do século XX. Antes, porém, era parte integrante da Literatura Árabe que experimentou estágios de declínio, entre os séculos XVI ao XX, sob o domínio do Império Otomano. No artigo “Revivendo a Literatura Palestina: o Modernismo Britânico e o Nascimento da Al-

---

<sup>1</sup> Paula da Costa Caffaro é bacharel e licenciada em Letras Português-Árabe pela UFRJ, mestre e doutora pela USP, pelo Departamento de Letras Orientais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes. Atua como Professora de língua árabe na Faculdade de Letras da UFRJ.

<sup>2</sup> O termo hebraico *aliya* significa ‘ascensão’, porque a imigração para a Palestina representava a elevação do judeu a uma forma de vida e existência mais alta. Por esta razão, a emigração é chamada de *yerida*, ou ‘descida’.

Hadatha<sup>3</sup>”, Masoud (2009) explica que o governo otomano forçava escritores, arquitetos e artistas a deixarem seu país de origem para viver em Istambul. A literatura passou a ser uma possibilidade de ascensão, facilitada pela concessão de favores por parte do governo. Por isso, cresceu a competitividade poética, em que o tema principal era cantar as grandezas do Sultão, na esperança de receber patrocínio real e mudar-se para o palácio.

Durante o período Otomano, o governo dedicou poucos esforços para promover a educação básica, que ficava restrita às kuttáb, pequenas escolas religiosas ligadas às grandes mesquitas, como al-Aqsà, em Jerusalém. Masoud (2009, p. 2) afirma que, durante o instável século XIX, a situação da literatura na Palestina era tão ruim quanto a economia ou a política, os escritores não podiam comprar livros, ou obter outras experiências, como viagens, que contribuíssem para suas produções literárias. Talvez, esse seja um argumento para reforçar sua tese inicial de que o Mandato Britânico viabilizara o estabelecimento da literatura palestina moderna, pela introdução do modernismo europeu na escrita árabe, conduzindo a criação da nova escola literária Al-Hadatha’ (ou renovação).

Contudo, Ghassan Kanafani (1972) apresenta alguns dados contraditórios à visão acima apresentada. Ele registra no capítulo reservado aos “Intelectuais”, de seu estudo “A Revolta de 1936-1939 na Palestina”, que trinta anos após o início do Mandato Britânico, o governo ainda não havia investido suficientemente na construção de escolas para palestinos. Mesmo com o impulso e investimento realizado em 1935 nesse sentido, a disparidade entre a educação oferecida a palestinos e judeus era muito grande. Vale à pena mencionar que, embora o analfabetismo estivesse presente, há indícios de uma “cultura popular” significativa nas áreas rurais. A poesia popular refletia a crescente preocupação das massas rurais com o curso dos eventos, o que possibilitou a mobilização nas vilas no despontar dos conflitos.

O contexto educacional era um pouco diferente nas cidades. Um grande número de gráficas estabeleceu-se na região antes da Ocupação Britânica, por volta de 50 jornais

---

<sup>3</sup> Decidimos padronizar as transliterações dos nomes árabes segundo a proposta de JUBRAN (2004, p. 16-29).

árabes circulavam entre 1904 e 1922, e mais 10, no mínimo, tiveram ampla veiculação até a Revolta de 1936, como os três jornais literários Karmel, publicado em Haifa, an-Nafá'is al-'Asriyya e Falastin.

Segundo Kanafani, diversos fatores contribuíram para fazer da Palestina um importante centro cultural árabe da época. O desenvolvimento da cultura foi incentivado pelo crescente número de graduados no Cairo e em Beirute, que de volta ao país, desenvolviam traduções do inglês e francês. A conjunção desses esforços contribuiu para o estabelecimento de clubes e associações literárias no início dos anos 20. As missões estrangeiras, atraídas primeiramente por motivos históricos e religiosos, também tiveram papel destacado na disseminação do clima educacional nas cidades. No entanto, o agravamento da crise política e econômica influenciou o movimento literário nascente.

Peled (1982), em seu artigo “Literatura Palestina 1917-1948”, considera que devemos reconhecer a existência de uma literatura palestina antes de emergir a consciência nacional. Esta literatura foi escrita por poetas palestinos, membros do sistema político otomano, dotados de uma identidade árabe particular e compartilhada com habitantes do mesmo território. Dois exemplos pré Primeira Guerra Mundial podem ser citados, o padre Elias Marmura de Nazaré escreveu poemas cantando as belezas de sua cidade e Khalili as-Sakakini enviou cartas de Nova York, onde permaneceu um pouco antes da Primeira Guerra, expressando a saudade de Jerusalém, sua terra natal.

A produção literária dentro da Palestina era considerável, incluindo romances, contos, peças, poesia lírica e nacionalista, ensaios e memórias. Essa literatura foi escrita principalmente para leitores árabes da Palestina e pouco era conhecido fora do país, Para ilustrar, em 1944, o Jornal Literário al-'Adib de Beirute publicou uma revisão<sup>4</sup> a respeito da literatura no leste árabe, e simplesmente ignorou a lista massiva de autores palestinos da época. (PELED, 1982, p. 6)

---

<sup>4</sup> O artigo foi escrito por Salah Al-Asir.

Observa-se certa divisão de tarefas entre a poesia e a prosa, ressaltada por diferentes intelectuais, como Kanafani (1972), Peled (1982) e Jayyusi (1992). Por assim dizer, ficava a cargo da poesia expressar as preocupações com assuntos políticos e sociais, chamando a atenção ao perigo iminente que clamava por uma atitude imediata. Por sua vez, a prosa voltava-se para reflexões dos desafios enfrentados pela sociedade árabe nas conjunturas históricas, sem necessariamente assinalar um inimigo concreto ou uma fonte de perigo. Esta distinção poderia ser explicada pela função da poesia ao longo da tradição literária árabe. Diferentemente da prosa, a poesia sempre foi considerada como um meio de registrar a história e representá-la. O poeta assumia o papel de anunciante e denunciante das atitudes da sociedade e de tudo o que a afetava. Por essa razão, a poesia era declamada em público, e não lida em particular, como era a prosa.

## **A Poesia**

A poesia palestina do final do século XIX ainda não refletia a consciência nacional, como o sentido moderno pressupõe. Como vimos acima, os poetas dessa época cantavam a beleza de sua terra ou lastimavam o distanciamento dela. A ligação com a terra natal era forte e aguçava a sensibilidade quanto às questões políticas, mesmo antes de compreender plenamente o processo.

Os precursores da poesia nacional apareceram durante a luta contra o governo Otomano, após a revolução de 1908. O traço antissionista, particularmente palestino, tornou-se o tema preferencial após a Primeira Guerra Mundial. A partir daí, a poesia palestina tornou-se um registro da resistência contra a invasão sionista. Alguns autores destacam Wadi‘ al-Bustani<sup>5</sup> como o primeiro poeta a expressar-se contra as forças colonialistas. Embora não fosse palestino, lutou a favor da causa nacional e afirmava que o problema dos palestinos não estava em lidar com os judeus que atravessaram o Rio Jordão

---

<sup>5</sup> Wadi‘ al-Bustani, libanês cristão, foi para a Palestina, em 1917, como um oficial da administração militar britânica, porém logo se tornou um dos personagens da causa nacional palestina, dedicando todo seu impulso criativo a seu favor até que retornasse ao Líbano, em 1953.

muitas gerações atrás, mas em lidar com os que estavam atravessando o mar vindos do ocidente para estabelecer sua nação na Palestina. (PELED, 1982, p. 165)

Em 1920, o governo do Mandato enviou um pedido ao editor da revista cultural Karmel para que publicasse um poema do iraquiano Ma‘ruf ar-Risafi dedicado ao Alto Comissário Britânico, o editor concordou, desde que uma resposta fosse também publicada. Al-Bustani foi o autor do poema responsório, que ganhou fama como um documento político, mencionando não apenas a imigração judaica e o perigo que ela constituía como também a função Britânica em fragmentar os árabes palestinos e as implicações da Declaração de Balfour.

Três poetas merecem menção especial dentre os autores estudados: Ibrahim Tuqan (1905-47), Abu Salmà (‘Abd al-Karim al-Karmi, 1911-84) e ‘Abd ar-Rahim Mahmúd (1913-48) pois representaram o apogeu da onda de poetas nacionalistas que inflamaram a consciência revolucionária.

Ibrahim Tuqan foi o poeta pioneiro de sua geração, possuía um estilo conciso e agudo, expressando enfaticamente os sentimentos mais particulares dos palestinos. Alcançou sua fama nos anos 20 e 30. Foi durante seus estudos na Universidade Americana de Beirute que encontrou outros poetas e participou ativamente da atividade literária da universidade. Quando retornou à Palestina, estava certo de seu papel como poeta em despertar seus compatriotas para a situação do país. Em 1929, compôs um poema denunciando a atitude dos grandes proprietários em relação ao problema da terra:

Eles venderam o país para seu inimigo, por causa de sua ganância por dinheiro,  
mas eles vendem sua casa. Eles seriam perdoados se tivessem sido forçados a  
fazê-lo por fome. Mas Deus sabe que eles nunca sentiram nem fome nem sede.  
(KANAFANI, 1972, p. 31)

A fama de Abu Salmà também se confunde com sua luta política. Começou a escrever nos anos 30, em comemoração à resistência palestina. Enfatizava a união dos árabes palestinos, em que “a cruz e o crescente se abraçavam”. Sua poesia foi dedicada à

causa palestina, e era chamado de “A Oliveira da Palestina” (JAYYUSI, 1992, p. 95), uma alusão a sua firme identificação cultural e psicológica com seu país. Após 1948, passou a viver em Damasco, de onde incitava os palestinos dispersos pelo mundo, adquirindo grande popularidade com os anos. Em 1978, ganhou o Prêmio Lotus de Literatura, concedido pela União dos Escritores Asiáticos e Africanos.

Do poema *Nós retornaremos* (JAYYUSI, 1992, p. 96, tradução livre)

“Amada Palestina, como posso dormir  
se fantasmas torturam meus olhos?  
Em seu nome eu saúdo o mundo inteiro,  
mas os dias passam  
devastados por conspiradores inimigos e amigos  
Amada Palestina, como posso viver  
longe de suas planícies e colinas? (...)  
Haverá um retorno, meus companheiros perguntam?  
um retorno depois dessa longa ausência?  
Sim, nós retornaremos e beijaremos o solo úmido (...)  
Nós retornaremos algum dia e gerações ouvirão o eco de nossos pés (...).”

O envolvimento político esteve presente em toda a vida de ‘Abd ar-Rahim Mahmúd. Seus poemas carregados de emoção, profeticamente, anunciavam o destino que cairia sobre os palestinos. Foi professor de língua e literatura árabe na Escola Najáh em Nablus. Com o levante de 1936, abandonou o magistério e lutou contra os britânicos, ao mesmo tempo em que escrevia poemas incitando o povo a lutar por seus direitos. De 1939-42, alistou-se na Escola Militar do Iraque, onde se graduou como oficial. Retornou à Palestina e até 1948 atuava no campo político e poético. Em 1947-48, ingressou na batalha

contra a decisão de partição, quando então morreu em combate a 13 de julho de 1948. Esse poeta ficou conhecido como um poeta-mártir, pois seguiu suas ideias com coragem em defesa de seu país até o fim.

Do poema *O Mártir* (JAYYUSI, 1992, p. 209, tradução livre)

“ Por sua vida, vejo minha própria morte  
mas acelero meus passos  
não há desejo maior do que morrer defendendo os direitos roubados  
e meu país, (...)”

Kanafani (1972) diz que não se tem notícia de um escritor palestino do período que não estivesse engajado no movimento de resistência contra o colonialista, mesmo sem estar coligado a um partido revolucionário. No entanto, na antologia de Jayyusi (1977), encontramos a menção a dois poetas que fugiram a essa tendência, Mutlaq ‘Abd al-Khaliq (1910-1937) e Fadwa Tuqan (1917-2003).

‘Abd al-Khaliq, até a ascensão de Fadwa Tuqan, foi o primeiro poeta a representar a poesia romântica da Palestina. Diferia de seus contemporâneos por seu pessimismo e olhar particular da vida. O poeta demonstrava um amor mórbido e uma fascinação pela morte.

“Eu amo a morte, imensamente; para mim a vida é uma doença nociva.  
Eu persigo a morte e ela me evita oh meu pesar, será que peço o impossível?  
”

(JAYYUSI, 1977, p. 471, tradução livre).

Segundo Jayyusi (1977), ele foi um poeta talentoso e adicionou originalidade à poesia palestina. Contudo, devido à preponderância do engajamento político nesse gênero

literário, sua obra não influenciou outros poetas, que continuaram a seguir a linha realística de Ibrahim Tuqan.

Fadwa Tuqan, irmã de Ibrahim Tuqan, apresenta duas fases distintas em sua trajetória poética. Suas primeiras obras são explorações femininas de amor e de protesto social, uma luta própria contra a situação diminuída da mulher na sociedade. Apenas em 1967 começou a escrever poemas patrióticos. Considerada uma das melhores poetisas árabes contemporâneas, recebeu diversos prêmios internacionais durante sua vida.

*Basta-me* (JAYYUSI, 1992, p. 314, tradução livre)

“Basta-me morrer na sua terra

Ser sepultada nela

Desfazer-me e desaparecer no seu solo

E depois renascer como um rebento de erva

Como uma flor na mão de uma criança que cresceu no meu país.

Basta-me permanecer

No amplexo do meu país

Como terra, rebento de erva e flor”

Outros dois temas recorrentes nas poesias foram: a crítica à indiferença dos líderes árabes vizinhos e à corrupção e a ineficiência da liderança palestina frente à aliança britânica sionista. Em 1935, ‘Abd ar-Rahím Mahmud dedicou um poema ao ‘Amír Sa‘ud, em visita a Jerusalém: “Vieste visitar a mesquita de al-Aqsà ou dizer-lhe adeus antes de sua destruição?”(CLEMESH, 2008, p. 173)

Em seu poema 1000, Ibrahim Tuqan descreve as maquinações que os britânicos e sionistas realizavam para aumentar a imigração judaica, enquanto Haji Amin al-Hussayni (mufti de Jerusalém) e Raghíb an-Nachachibi (prefeito de Jerusalém) estavam envolvidos em suas rivalidades pessoais. Para ilustrar, vejamos um fragmento do poema:

“(...)1000 entrarão como turistas que nunca partirão (...)

Oh, meus compatriotas (...)

Haverá um raio de luz atrás dessas nuvens?

Por Deus, eu não sei”

Em desespero eu pergunto:

Devo recorrer a Amin ou colocar minha esperança em Raghib?” (PELED, 1982, p. 177, tradução livre)

A efervescência da atmosfera cultural alcançou seu clímax nos anos 30, principalmente por meio da poesia, que expressava o movimento das massas e seu desenvolvimento que precedeu a deflagração da Revolta de 1936-39.

## A Prosa

Na introdução do livro “Antologia da Literatura Palestina Moderna”, Salmà Jayyusi (1992) apresenta uma breve análise acerca da prosa ficcional palestina pré 1948. A autora explica que na primeira metade do século XX a ficção, tanto na Palestina quanto em outros países árabes, era ainda incipiente e fraca. Inicialmente, parece ter sido inspirada na prosa ocidental, oriundas de traduções para o árabe. De fato, a Literatura Árabe possui uma longa tradição ficcional, oral e escrita, como os contos de amor da Dinastia Omíada, as histórias alegóricas de Kalila wa Dimna, As Mil e Uma Noites, entre outras. Entretanto, essas narrativas possuem um estilo tradicional próprio, diferente da arte moderna, ou seja, um produto de uma sociedade burguesa estabelecida após o surgimento da imprensa.

Até 1948, a prosa era pouco engajada politicamente. O envolvimento na luta nacional não era temática típica da prosa, sendo executado diretamente pela poesia. Foi, por volta da metade do século XX, que os autores passaram a buscar inspiração na vasta variedade ficcional oferecida pela herança literária árabe. Os escritores Khalil Baydas (1875-1949), Ahmad Chakir al-Karmi (1894-1927) e Jamil al-Bahri (morto prematuramente em 1930) foram os primeiros a se voltarem a essa arte e para o público

leitor que se multiplicava. Baydas acreditava que a ficção era uma das bases da civilização, a arte mais facilmente disseminada entre o povo e a que possuía maior capacidade de atingir o coração, influenciando sua moral e seus costumes. Para isso, dizia ele, o romancista deveria escrever para o povo, misturar-se às pessoas simples e conhecer suas vidas e problemas.

Peled (1982, p. 150) aponta Khalil Baydas como o romancista pioneiro da literatura palestina. Em 1920, Baydas recebeu reconhecimento por seu primeiro romance, “O Herdeiro” (Al-Warith), lançado em Jerusalém. Esta é a história de um libanês cristão que emigra para o Egito, após os eventos de 1860, e se torna vítima de uma jovem judia e sua família. Embora a seleção dos personagens não esteja totalmente dissociada do panorama político, a ideia fundamental da história é apresentar os problemas vivenciados pelas comunidades cristãs naquela época. Membro da Igreja Ortodoxa, Baydas se preocupava com a tendência dos jovens cristãos a buscar riqueza fora da comunidade. A obra “O Herdeiro” não lida com o problema central do povo palestino, porém é importante mencioná-lo porque apresenta a tendência que a escrita em prosa seguirá.

Jayyusi (1992, p. 12) afirma que outros trabalhos ficcionais surgiram, porém não despontaram, porque, em primeiro lugar, a poesia continuava dominando o universo cultural e literário, e em segundo, porque essas obras ainda permaneciam em seu estágio inicial de produção, não conseguindo atrair a atenção do público leitor. Mas, deve-se destacar a atitude didática e moralista presente em quase todos os trabalhos em questão, refletindo a resistência da sociedade em relação a uma cultura estrangeira, oposta a seus princípios culturais básicos. Sob esse aspecto, entendemos o motivo pelo qual há a predominância da temática social sobre a política nos textos ficcionais pré 1948. Além disso, como os escritores desse período se baseavam na literatura ocidental, e esta não apresentava tradição política na ficção, assim não havia modelos prontos nos quais os autores pudessem se apoiar.

Nas fases iniciais, a tendência era considerar a prosa como um meio de entretenimento, *fukaha*, os jornais e revistas publicados no Egito e Líbano, ao longo do século XIX, eram considerados como periódicos para a literatura de entretenimento. Assim, também, Khalil Baydas quando começou a publicar seu periódico semanal, an-Nafa'is, em 1908, definiu-o como *majallat lata'if wa-fukahat* (“revistas de gracejos e piadas”) (KANAFANI, 1972).

O conceito da prosa, como um meio de entretenimento e gracejo, desapareceu gradualmente. De uma forma geral, a prosa em árabe só começou a refletir e participar das lutas nacionais após a Segunda Guerra Mundial. Na Palestina, a prosa engajada surgiu no contexto pós 1948.

A fase anterior ao efetivo engajamento da prosa foi marcada por protestos contra as fraquezas observadas na sociedade árabe. O período pós Primeira Guerra revela uma realidade frustrante e dura, palco fértil para que os escritores dessem voz às críticas, conclamando reformas. Mahmud Sayf ad-Din al-Irani (1914-1974) seguiu essa tendência, publicando em 1937, uma coleção de histórias, “A primeira ronda”, que mostrava a necessidade de reconsideração dos valores árabes palestinos na sociedade como pré-requisito na luta nacional. Relacionamento entre homens e mulheres, poligamia, desemprego, as condições deploráveis dos trabalhadores, corrupção da liderança nacional, todos esses temas foram discutidos e criticados duramente em suas histórias. A crença na reorganização da sociedade como o primeiro passo para a luta política foi amplamente aceito no pós 1948. Anteriormente, esse conceito era aprovado por poucos. Al-Irani estava à frente de seus colegas, embora o desejo da crítica fosse aparente em outros. Mas a peculiaridade de al-Irani era a crítica direcionada aos líderes nacionais, afirmando que sua conduta corrupta praticamente impossibilitava a luta nacional.

## **Considerações finais**

O percurso do movimento literário palestino, desde o final do Império Otomano até o limiar da Segunda Guerra Mundial, foi marcado pela reafirmação da identidade árabe, mas especificamente, pela conscientização do *ser* palestino. Nesse processo, as intromissões estrangeiras – otomana, britânica e sionista, desempenharam um duplo papel, pois ao mesmo tempo em que oprimiam, aceleravam a sedimentação dessa consciência nacional coletiva.

Pudemos perceber que o principal temor da população manifestado por poetas e escritores em suas obras, era o de perder sua casa, sua terra. Os esforços dos diferentes artistas desse período pareciam seguir num mesmo sentido: alertar a comunidade palestina do perigo que se aproximava a galopes, e que viera a concretizar-se na Nakba de 1948.

A Segunda Guerra Mundial era bastante esperada pelos palestinos, pois se acreditava que mudanças poderiam beneficiar o país e bloquear o avanço sionista. O perigo enfrentado pelo Império Britânico dava esperanças de sua queda e do colapso do apoio aos judeus. Alguns acreditavam que a vitória da Alemanha traria salvação aos árabes. É claro que essa não era uma opinião comum a todos. De qualquer forma, a tendência era assistir ao conflito mundial com apenas uma expectativa: como essa guerra poderia afetar os sionistas na Palestina. Sabemos bem qual foi o rumo dos acontecimentos.

Mesmo diante dos fatos terríveis que se sucederam durante a Segunda Guerra e no pós 1948, os poetas e escritores palestinos não se abateram. O protesto crescia, tomando forma de versos que ecoavam além das fronteiras, intensificando o movimento de resistência. A literatura palestina moderna foi fundamental na conscientização e na congregação árabe palestina em prol de sua luta nacional. Porém, devemos destacar, também, sua importância no bojo da literatura árabe da época.

Os poetas e escritores foram aliados ativos e perspicazes dos líderes árabes na formação dos estados nacionais. Todos os países árabes almejavam a independência do domínio imperialista. De certa forma, conseguiram, com exceção dos palestinos, que

assistiram à substituição do jugo britânico pelo sionista. Essa característica peculiar influencia até hoje artistas árabes de diferentes nações, que se unem à causa palestina e sensibilizam seus compatriotas com suas obras. Não podemos esquecer de que muitos artistas palestinos, emigrados de sua terra, continuam produzindo versos, romances, filmes e contribuindo com a luta de seus irmãos que permanecem nos territórios ocupados. Percebemos, então, que essa é uma luta não acabou. A história ainda não é finita. Estamos também nós aqui trabalhando e produzindo a fim de que não seja esquecido o direito dos palestinos a sua terra, a sua cultura e a sua literatura.

## Bibliografia

- CLEMSHA, Arlene E. “Palestina, 1948-2008, 60 anos de Desenraizamento e Desapropriação.” *In: Tiraz. USP, Ano 5 (2008). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2008, p. 171-185.*
- JAYYUSI, Salmà Khadra. *Trends and Movements in Modern Arabic Poetry*. Leiden: E. J. Brill, 1977, p. 469-472.
- \_\_\_\_\_. *Anthology of Modern Palestinian Literature/ Edited and introduced by Salmà Khadra Jayyusi*. New York: Columbia University Press, 1992.
- JUBRAN, Safa Abou-Chahla. “Para uma romanização padronizada de termos árabes em textos de língua portuguesa.” *In: Tiraz. USP, Ano 1 (2004). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004, p. 16-29.*
- KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. Committee for a Democratic Palestine: New York, 1972.
- MAGALHÃES, Júlio de. “A Poesia Palestina do Século XX”. *In: Documento MPPM n°5. Lisboa, MPPM, 2010.*
- MASOUD, Ahmed. “Reincarnating Palestinian Literature: British Modernism and Birth of Al-Hadatha”. *In: Britain and Muslim World: Historical Perspectives. University of Exeter, 17-19 April, 2009. Acesso ao [www.eric.exeter.ac.uk/exeter/handle/10036/66673](http://www.eric.exeter.ac.uk/exeter/handle/10036/66673), em 20/07/2010.*

PELED, M. “Palestinian Literature 1917-1948”. In: Arabic. Tome XXIX, Fasc. 2 (June, 1982). Brill, 1982, pp. 143-183. Acesso ao [www.jstor.org/stable/4056220](http://www.jstor.org/stable/4056220), em 16/07/2010.

Sites:

<http://www.newjerseysolidarity.org/resources/kanafani/kanafani4d.html>(última consulta, dia 20/07/2010)